

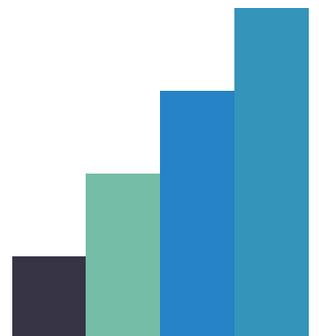
EXPRESSO/ACTUAL – 7 de Outubro de 2006

## OS INFORTÚNIOS DA VIRTUDE

### Um filme com o Mal instalado no Poder

Cinco anos depois de **Água e Sal** – com um documentário e uma curta-metragem de circunstância de permeio – Teresa Villaverde retorna à ficção e à longa-metragem. Desta feita, a história ancora-se muito longe, na nevoenta São Petersburgo dos frios eslavos e vem por aí abaixo – República Checa, Alemanha, Itália, Portugal – seguindo o calvário de uma jovem mulher que deixou tudo à procura de dias melhores e encontrou o horror da escravidão sexual, prostituta à força por conta de máfias internacionais que a traficam com a serena crueldade dos homens de negócios deste tempo de globalização.

Se quisermos descrever **Transe**, o parágrafo atrás pode ser uma hipótese provável, mas sei que não é uma hipótese justa. Porque se **Transe** fosse o filme que atrás digo, não seria a experiência fortíssima que é. Porquê? Porque desde o princípio sentimos que não é uma história que interessa a realizadora, austera nas explicações sobre quem é e o que move a sua protagonista, Sónia (Ana Moreira), mas multiplicando respirações imagéticas de uma energia que ultrapassa a função narrativa (lembramos a sequência do degelo, inolvidável de convulsa violência). Desde o princípio sabemos que o que se ergue no ecrã não segue as regras diegéticas de um antes e um depois, de um tempo que contém motivações, mas outras, indiscerníveis, matéria de profundezas de alma. Na entrevista que a realizadora deu na semana passada ao “Expresso” ela diz que “não escolhemos os filmes que fazemos” e eu quero crer que é verdade. Pelo menos com esta fita em que sentiu que Ana Moreira, ela própria e Sónia eram uma só pessoa. **Transe** é uma visão – e é por esse lado que interpreto o obscuro título do filme que convém interrogar. Uma visão resultante de uma espécie de aflição mística como, dizem, os mais iluminados dos santos experimentaram – só que, em vez das glórias celestes de anjos e querubins e trombetas louvando Deus na sua glória, Teresa Villaverde teve um vislumbre do Inferno (e por isso, também, é justa a rugosidade da linguagem falada, a escolha de não se falar em português). Daí que o seu filme tenha uma voragem compulsiva, as cenas sucedem-se como refinamentos de pânico e horror, a beleza dos enquadramentos e da fotografia sublinhando o espanto, numa espiral em vórtice que parece ter sido concebida por mecanismos poéticos que não por clareza lógica. Claro que pode frustrar quem busque um encadeamento tecido nos moldes dominantes do cinema. Será como querer ler Herberto Helder com os parâmetros da literatura romanesca. (Mas o cinema português precisa mais de poesia ou de prosa?) Mesmo sabendo que nenhuma equivalência formal os aproxima, eu diria que Teresa Villaverde está perto do universo de Sade, no sentido em que descreve uma via-sacra em que só a superfície é figurativa num sentido realista, mas, lá por trás, existe a inexorabilidade alucinatória de um decreto de



fatalidade. Não há nada a fazer. Para agravar as coisas, enquanto o universo de Sade é regido por uma ordem universal de que os seus protagonistas serão perversos transgressores, em **Transe** Deus está morto ou então esqueceu-se das suas criaturas. O tempo e o espaço do filme de Teresa Villaverde são os do Mal instalado no Poder.

Este é o filme da grande revolvência, um lugar de onde se não volta incólume. É o culminar de um percurso de dores violentas, irracionais, que embebe a filmografia da realizadora desde o princípio – e que, nos três últimos trabalhos de ficção, encontrou em Ana Moreira uma ímpar cúmplice. Vejam como ela estremece, se desfigura, se oferece à rapacidade dos eventos, corpo sacrificial a uma déspota divindade dos abismos. Vejam como o seu olhar se torna opaco, alucinado, como ela se encapsula para não se tornar mercadoria por inteiro. Vejam com uma actriz se transfigura – e digam-me depois se exagero ao pronunciar que Ana Moreira é uma das maiores actrizes da sua geração. E nós a perguntar todo o tempo quem é aquela mulher e a não sabermos a resposta.

**Jorge Leitão Ramos**